

Ano XXV n° 6605 - 01 de julho de 2022

Um executivo desequilibrado e perigoso para os profissionais a seu redor

Mesmo demitido por sérios casos de assédio sexual contra empregadas da Caixa, as denúncias contra o ex-presidente da entidade, Pedro Guimarães, não param.

Ontem, o portal Metrôpoles traz novos casos de assédio moral, igualmente assustadores. Os abusos revelam abuso de poder, com atitudes de intimidação, inclusive contra altos funcionários, integrantes da direção do banco.

A nova reportagem traz gravações que mostram o ex-executivo alterado, aos gritos, com linguagem grosseira e chula ao se dirigir a subordinados.

Os motivos da irritação praticamente nunca estavam ligados a questões institucionais, mas muitas vezes a interesses pessoais, como quando o Conselho da Caixa estabeleceu limites ao presidente em nomeações a conselhos do próprio banco e de empresas ligadas a ele. A mudança na norma limitava ganhos que o próprio Pedro Guimarães podia ter. Como presidente, segundo a reportagem, ele chegou a integrar 18 conselhos, pelos quais recebia jetons da ordem de R\$ 130 mil, além do salário regular de R\$ 56 mil. Sentindo-se prejudicado com a alteração, sua reação foi furiosa. Ele ainda pede que um assessor anote o CPF de todos que participavam da reunião, feita em conferência, para puni-los caso informações daquele evento vazasse.

As novas denúncias dão conta de surtos, com socos em aparelho de TV pelo fato de o aparelho estar com alteração no som. Relatos contam que ele chegou a danificar computador e arremessar um celular funcional contra a parede, além de outros acessos de raiva. As palavras de Pedro Guimarães são de tão baixo calão que não podem sequer ser escritas aqui, mas podem ser conferidas nos áudios da reportagem do portal Metrôpoles.



Banco Central admite inflação sem controle no país pelo segundo ano seguido

Não tem mais justificativa. Até o Banco Central admite o óbvio, sentido diariamente por milhões de brasileiros. A inflação, sob o governo Bolsonaro, está fora de controle. O risco é do índice extrapolar o teto da meta de 2022 em 100%.

Em relatório divulgado ontem, 30/06, a meta fixada pelo CMN (Conselho Monetário Nacional) para este ano é de 3,5%, com tolerância de 1,5% para cima ou para baixo.

Já o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que mede a inflação, atingiu 11,73% no acumulado de 12 meses até maio, de acordo com dados do IBGE. Com os dados de junho, o IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15), a prévia da inflação, passou a acumular alta de 12,04% em 12 meses ao subir 0,69%.

Para tentar cumprir a meta do próximo ano, o BC elevou neste mês a taxa básica de juros para 13,25% ao ano, o maior patamar desde 2016. A instituição também indicou que a Selic ficará alta por um período maior de tempo.

Estagnação vacinal ameaça combate à Covid-19

A vacinação representou um marco fundamental no combate à Covid-19 no país, diminuindo significativamente o número de óbitos e casos graves. O avanço da imunização permitiu maior flexibilização nas medidas de prevenção e retomada das atividades econômicas. Porém, pouco mais de um ano após o início da campanha de vacinação, a estagnação da cobertura vacinal vêm se mostrando um risco no combate à doença, permitindo que novas variantes surjam e que a velocidade de contágio da doença aumente consideravelmente.

Dados disponibilizados pelo MonitoraCovid-19 em parceria com o site Coronavírus Brasil apontam que 83,98 % da população brasileira já foi vacinada com ao menos uma dose e 78,93 % foram imunizados com esquema primário completo (segunda dose). Ainda sim, dificuldades de avanço na vacinação em todas as faixas etárias persistem, e não só no Brasil, representando um desafio global.